

A técnica da reportagem de Joel Silveira em *O inverno da guerra*,¹

Maria Rita Berta Horn²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo: Este trabalho procura apontar, por meio da análise do livro *O inverno da guerra*, de Joel Silveira, os métodos do autor que o aproximam da reportagem. Foram revisitadas as diferenças entre as metodologias da reportagem e da notícia que fazem da primeira um caminho para um jornalismo de compreensão dos fatos e da contemporaneidade. O material compilado neste livro de Joel foi escolhido por ser um exemplo de atuação do repórter como observador participante, que capta, interpreta e narra a realidade.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Joel Silveira; *O inverno da guerra*; reportagem

Introdução

Personagem inspirador no jornalismo, o sergipano Joel Silveira, falecido aos 88 anos, em agosto de 2007, foi correspondente de guerra e autor de reportagens que geraram mais de 40 livros. Ele se mudou para o Rio de Janeiro aos 19 anos, e trabalhou em *O Cruzeiro*, *Diretrizes*, *Última Hora*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã* e *Manchete*.

Joel Silveira é tido como um dos jornalistas que revolucionou a prática da reportagem no Brasil pelas técnicas de texto e apuração. Este artigo, fruto de trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, sintetiza a investigação das estratégias e peculiaridades do método de Joel que tornaram seu trabalho tão respeitado no meio jornalístico. Para tanto, foram analisadas as reportagens de Joel compiladas no livro *O inverno da guerra*. Isso, somado à pesquisa bibliográfica, possibilitou visitar conceitos da reportagem.

O nascer da “víbora”

Aos 19 anos, quando chegou ao Rio de Janeiro, Joel teve a ideia de bater à porta do semanário *Dom Casmurro*, a mais importante publicação literário-jornalística da época. E o fez, saindo de lá empregado. Seis meses depois, já era secretário de redação.

Mas foi em *Diretrizes*, semanário lançado por Samuel Wainer em março de 1938, que Joel passou a fazer parte do primeiro time da imprensa nacional. A reportagem que o

¹Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Aluna do Mestrado em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFRGS. Jornalista, editora do caderno Vida de Zero Hora.

colocou neste patamar foi *Grã-finos em São Paulo*, escrita no começo dos anos 40. O texto mordaz e agressivo falava sobre o cotidiano da alta sociedade paulistana.

A matéria agradou o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, o que fez com que Joel fosse, então, convidado por Assis Chateaubriand (na época muito próximo a Vargas) a fazer parte do *Diários Associados*. Ele recusou o convite. *Diretrizes*, no entanto, vivia tendo problemas com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo. E foi justamente uma entrevista feita por Joel com o escritor Monteiro Lobato que levou o semanário de Wainer a fechar. O título da entrevista foi uma fala de Lobato: “O governo deve sair do povo como a fumaça da fogueira”. (SILVEIRA, 2003, p. 64)

Desempregado e sem opção, aceitou o convite de Chateaubriand, que lhe deu o apelido de “víbora”, pelo texto irônico. Trabalhou lá de junho de 1944 a julho de 1945.

Pelo *Diários Associados*, Joel foi enviado, aos 26 anos, para acompanhar as ações da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, sendo o correspondente mais jovem. A série de reportagens feitas para o jornal deu origem ao livro *Histórias de pracinhas* (1945), esgotado há mais de 30 anos. A seleção dos melhores textos deste livro deu origem a *O inverno da guerra*.

Joel Silveira foi ganhador dos prêmios Esso, Jabuti, Libero Badaró e Golfinho de Ouro. Também foi homenageado, em maio de 2007, pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, no 2º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo.

Reportagem como lugar da narração jornalística por excelência

A notícia, instrumento básico para o relato jornalístico, exerce o papel de informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata e objetiva (LIMA, 1993). Sua estrutura segue as fórmulas de construção que simplificam o relato em torno dos componentes o quê, quem, quando, como, onde e por quê (LIMA, 1993, p. 23), em ordem decrescente de importância dos fatos – a chamada pirâmide invertida.

No entanto, haverá alguns temas que exigirão abordagem mais ampla do que uma simples notícia. Para atender a essa necessidade, o jornalismo acabou por desenvolver, ao longo do tempo, um gênero de mensagem jornalística batizada de reportagem (LIMA, 1993, p. 24), cujo ápice seria a grande reportagem.

Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, ao seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente

impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, como o lead e as pirâmides já mencionadas. (LIMA, 1993, p.24)

Para Sodré e Ferrari (1986), é a reportagem o lugar por excelência da narração jornalística. Tem ela, tal qual a narrativa, personagens, ação dramática e descrições de ambiente. Estará separada da literatura, no entanto, pelo compromisso com o relato não ficcional dos fatos.

Entre o conjunto de normas da notícia, está que esta deve levar em conta, prioritariamente, a atualidade dos fatos, o relato estruturado de maneira objetiva, a ausência de juízos de valor e a sedução do leitor pelo texto (MILMAN, 1998). Mas, “ao contrário do que os ideólogos do método conservador defendem, o ponto de partida para o jornalismo não é a imediatez do fato, mas a compreensão do fato” (MILMAN, 1998, p. 30).

Entretanto, fugir dessa rotinização das notícias é tarefa difícil, acredita Milman. Superar as fórmulas do noticiário requer não apenas rever os conceitos em jornalismo como também os padrões que o fizeram refém da metodologia noticiária e, principalmente, das rotinas e normas que servem aos interesses de grupos controladores da informação em vez de ao interesse social (MILMAN, 1998). No entanto, mesmo que faltem condições estruturais para o pleno exercício da reportagem, é importante a compreensão dos processos que produzem informação pela reportagem.

Divergências da reportagem em relação à notícia

Como gênero jornalístico, o que diferencia a reportagem da notícia? Lage (1993) revela alguns pontos divergentes. O primeiro deles diz respeito à questão de a reportagem não tratar da cobertura de fatos, mas de assuntos sob determinados ângulos.

Na prática, o autor acredita que os gêneros também diferem em planejamento. A notícia parte de pautas que indicam fatos programados, da continuação destes e daquilo que se espera em que se desdobrem. Para a reportagem, a matéria-prima, ou seja, os assuntos, estão sempre à disposição para serem abordados, podendo ou não serem atualizados por um acontecimento. O estilo também será diferente entre os gêneros. A reportagem será sempre menos rígida, em termos de padronização, dependendo do veículo, público ou assunto, sem a necessidade de começar pela ordem decrescente de importância, como nas notícias.

Já para Sodré e Ferrari (1986), as principais características de uma reportagem são a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. Dependendo do assunto de que se trata a

reportagem, pode predominar uma ou outra característica, mas, para ser reportagem, a narrativa deve sempre estar presente. Entende-se por narrativa, segundo os autores, “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11).

As fronteiras entre notícia e reportagem, no entanto, nem sempre são tão bem definidas, ainda mais quando as notícias trazem a informação bem contextualizada (SODRÉ; FERRARI, 1986). Em uma notícia, um fato pode ser anunciado (simples registro), enunciado (relato narrativo, apoiado na ação e no detalhamento), pronunciado (quando o autor demonstra, ainda que sutilmente, um posicionamento diante do ocorrido), ou denunciado (quando o autor se posiciona de forma contundente a favor ou contra algo). Tais modalidades de discurso também podem ser percebidas na reportagem.

Já no âmbito da produção, podem ser considerados gêneros de reportagem as do tipo investigação, em que, para traçar o perfil de uma situação, o repórter levantará os acontecimentos ocultos por detrás de um fato; do tipo interpretação, quando os fatos são analisados “pela perspectiva metodológica de dada ciência” (LAGE, 2001b, p. 116); e as do novo jornalismo, que buscam aplicar técnicas literárias na construção da narrativa de episódios e situações para desvendar o fato.

A sofisticação pelo texto

A linguagem jornalística tem como restrição fundamental ser basicamente constituída de palavras que sejam possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal. A condição é resultante da necessidade de conciliar a eficiência da linguagem coloquial com a aceitação social da formal (LAGE, 1993). Em função disso, a linguagem jornalística poderá incorporar neologismos, denominações de objetos novos, metáforas, designações técnicas etc.

Por ser a linguagem jornalística referencial, falando sempre de algo exterior aos emissores e receptores, o uso da terceira pessoa, em modo dramático, será quase regra. Adjetivos testemunhais e aferições subjetivas normalmente também não são aceitáveis, uma vez que o emissor tem de transmitir a mensagem a um público indeterminado.

No contexto do que Marcondes Filho (1993) chama de imaterialidade jornalística – “novo caráter do jornalismo numa sociedade que se torna cada vez mais permeada por sofisticados sistemas de comunicação e tecnologias de informação” (p. 96) – os textos serão sempre fragmentados, “fornecidos a conta-gotas nas páginas do jornal”. Até mesmo as

notícias mais longas não conseguem se impor a esse caráter de fragmentação. Isso é fácil de verificar em qualquer jornal que abrimos hoje. As notícias de mais fôlego nunca são apenas de texto, mas quase sempre fragmentadas em blocos de informações. O autor também percebe uma redução da complexidade linguística, graças aos códigos próprios que as empresas impõem, oferecidos em seus manuais.

O texto da reportagem é menos rígido do que o da notícia. Lage (1993) explica que nela não existe a exigência da pirâmide invertida.

Em *O texto da reportagem impressa*, Oswaldo Coimbra (1993) sistematiza conhecimentos produzidos por diversos autores e chega a três tipos de modelos de estrutura do texto da reportagem existentes, ou seja, estuda a maneira como seus elementos internos estão organizados. Seriam eles: a reportagem dissertativa ou argumentativa, que terá como duplo propósito expor e informar sobre um determinado assunto ao mesmo tempo em que tenta convencer, persuadir ou influenciar o leitor; a reportagem narrativa, que não estará apoiada em um raciocínio exposto, mas, como o próprio nome já sugere, narra os fatos de maneira a recriar a realidade para os leitores, dentro de uma relação de anterioridade e posterioridade; e a reportagem descritiva, que detalha e pormenoriza momentos ou pessoas.

Mas as estruturas não são como fronteiras. Uma única reportagem pode apresentar os três tipos de estrutura de texto apresentados por Coimbra (1993).

O repórter-narrador

Quando Coimbra (1993) fala de reportagem narrativa, estrutura de texto preponderante em *O inverno da guerra*, ele faz algumas importantes ponderações sobre a presença do narrador, que Lígia Leite (apud COIMBRA, 1993) chama de foco narrativo. Este poderá ser tanto em primeira pessoa quanto em terceira. E dentro dessas possibilidades, haverá ainda outras opções. Poderá ser narrador testemunha (1ª pessoa), como personagem atuante ou como personagem secundária. Quando secundária, apresentará um ângulo de visão limitado, pois utilizará apenas as informações que colheu. Quando for narrador protagonista (1ª pessoa), carregará o texto de suas percepções, pensamentos e sentimentos, podendo ser fruto de depoimentos de entrevistados em que o texto é escrito como se fosse deles ou do repórter posicionado no centro do acontecimento. Como narrador onisciente (3ª pessoa), estará presente nos textos apresentando um modo de narrar que dará a sensação de que o narrador tudo vê. A adoção desse narrador é problemática em jornalismo, segundo Coimbra, porque fala do que se passa no interior da

mente dos personagens. O problema está em como o jornalista poderia saber o que se passa na mente do narrador. Tom Wolfe (2005) diz que isso seria possível graças à imersão do repórter naquilo que quer retratar, colhendo material pelas cenas que presencia e que lhe permitem caracterizar seus personagens. Por último, temos o narrador mais utilizado na prática jornalística: o modo dramático (3ª pessoa), em que ele se limitará apenas a informar o que falam e fazem as personagens.

De onde surge a reportagem: o repórter e o *insight*

Uma notícia pode servir de gancho para a produção de uma reportagem. Por exemplo: a morte de bebês em uma maternidade pública pode motivar uma reportagem sobre a situação das maternidades em uma cidade ou em um Estado. Mas a reportagem não precisa do gancho de uma notícia para existir. É possível fazer uma reportagem sobre a prostituição infantil em Porto Alegre sem precisar que algum caso ou local de exploração tenha sido descoberto.

Uma das principais fontes de assunto para a reportagem é o próprio repórter. Para Lage (2001a), este tem uma delegação tácita que o permite ser olhos e ouvidos do público. Ele chama essa função de agente inteligente. A natureza humana e inteligente desse agente se manifesta em especial por um traço: o *insight*.

Nem todo fenômeno se baseia em experiências objetivas que nos permitam partir de hipóteses para entender a realidade, como deixar um pedaço de ferro várias vezes na chuva e perceber que ele sempre enferrujará. Existem fenômenos de maior complexidade em que entrará em jogo a imaginação e a capacidade de colher indícios e circunstâncias da realidade para a formulação de hipóteses. Essa capacidade de apreender o conjunto de indicadores difusos da realidade ressalta “a importância do ambiente para a construção de uma narrativa capaz de significar” (LAGE, 2001a, p.27). O que o autor quer dizer é que, por exemplo, um repórter pautado para fazer matéria sobre um conflito o fará melhor se estiver presente no local dos fatos do que se tivesse de fazê-lo de uma redação, mesmo que nela tivesse acesso a tudo o que precisasse, como testemunhos, relatórios, enciclopédias.

O emissário no local do conflito ordena melhor as informações, tem maior noção do que é ou não relevante, porque sente o clima do que acontece: está diante de pessoas reais, com representações variadas e peculiares dos acontecimentos, percebe como essas pessoas – militares, civis, revoltosos – reagem, o quanto estão envolvidas na luta e o que cada episódio significa no contexto. (LAGE, 2001a, p. 27).

Tal comportamento está inserido dentro do método chamado de observação participante, quando o jornalista se faz presente no contexto que investiga, entrando em contato direto com as pessoas e situações sujeitas a sua curiosidade.

O repórter poderá omitir a sua condição de repórter ou identidade, ou assumir-se como jornalista, participando da rotina que investigará. A observação participante, por ser um método que envolve o repórter na observação de locais, pessoas, situações, fazendo com que ele participe desse cotidiano, suscita o debate sobre a objetividade-subjetividade no jornalismo.

O jornalismo não é uma prática de mera reprodução da realidade. A ação praticada pelo jornalista é, desde o princípio, carregada de uma intenção. Mesmo que inconscientemente, o repórter não conseguirá abstrair valores culturais próprios quando está diante de um acontecimento, ou seja, não conseguirá apagar por completo sua subjetividade. No entanto, alguns manuais de redação e editores ainda recomendam aos repórteres: “sejam objetivos”.

O conceito de objetividade jornalística surgiu entre os séculos 19 e 20, segundo Kovach e Rosenstiel (2004), nos Estados Unidos, baseado na ideia de que os jornalistas exerciam seu trabalho levando consigo uma bagagem de preconceitos. A objetividade surgiu, então, pela busca de um método consistente de testar a informação e de livrar o trabalho jornalístico do sensacionalismo e das marcas desses preconceitos. No ano de 1919, Walter Lippmann e Charles Merz escreveram um relato contundente de como algumas observações distorceram a cobertura da Revolução Russa pelo *The New York Times*. A partir daí, Lippmann e outros passaram a estudar maneiras de livrar o jornalista de seus preconceitos. Somente o espírito científico, acreditavam eles, seria capaz de solucionar o problema. O que eles queriam dizer era que o jornalismo precisava aspirar a um método. Para isso, as escolas jornalísticas deveriam se voltar ao estudo da prova e da verificação.

Mas se a objetividade surgiu como procura pelo método de verificação da validade da verdade, convém ser discutido, ainda que brevemente, em que consiste a verdade jornalística – aquela relativa à informação, normalmente estabelecida por documentos, testemunhos ou observação. Daniel Cornu diz que “uma informação não é mais que isso mesmo. Não é a verdade. Uma informação reflete unicamente um aspecto, um fragmento da realidade” (1994, p. 328).

Quando tratamos de informação, da atividade de informar, não podemos nos esquecer que a discussão sobre a verdade não será apenas limitada à veracidade dos fatos relatados, como explica Cornu:

A discussão sobre a verdade não pode, contudo, deixar de ter em conta a interpretação desses fatos, segundo os seus diversos níveis, e, por conseguinte, a justeza dos julgamentos que sobre eles se façam. Já não pode abstrair-se da intervenção dos próprios jornalistas na sua subjetividade, como observadores, seletores e, mais particularmente, narradores dos fatos. (CORNU, 1994, p. 329)

Pensar a verdade jornalística é também pensar a relação entre as três ordens de informação citadas por Cornu, que seriam: a observação dos fatos, a sua interpretação e a sua narração na forma de relatos. Também não existe abordagem da verdade jornalística sem implicar a intervenção do jornalista como sujeito. Assim como em História, a informação jornalística deve passar pela reconstrução que situe os fatos, pela descrição de seu encadeamento, pela procura de suas causas e pela apresentação em sua coerência, feita pelo jornalista como intérprete da realidade. Sem isso, será fruto apenas de uma observação passiva, que revelará apenas um fragmento da realidade.

A diversidade de interpretações do jornalista já começa na primeira leitura da atualidade, quando ele tem de recolher, pela observação desta, aquilo que distingue como mais importante. “Não é o acontecimento que, em si mesmo, se impõe como notável. É o tipo de interpretação que permite distingui-lo como tal” (CORNU, 1994, p. 333-334).

A questão da objetividade é tida hoje como mito na imprensa justamente por isso. Os profissionais sabem que não é possível se libertar de todos seus valores na busca da retratação da realidade. Na prática do noticiário, todos procuram, no entanto, tê-la como um ideal, ou seja, buscam chegar o mais próximo possível da objetividade. Na prática da reportagem, essa preocupação é menor, como veremos em *O inverno da guerra*, quando o repórter demonstra seus sentimentos, anseios e percepções de mundo.

Análise do livro *O inverno da guerra*

Os textos de Joel Silveira reunidos no livro *O inverno da guerra* são como uma coletânea das técnicas que fizeram do repórter o grande nome que ele se tornou dentro da história da imprensa brasileira. O trabalho dele aqui abordado é considerado um dos

clássicos do jornalismo brasileiro, por todo o esforço em retratar personagens, situações, paisagens etc., de maneira que quem lê seus textos consegue imaginar o cenário do conflito. A descrição, por vezes minuciosa, daquilo que ele via no *front* ajuda-nos a compreender porque foi conferido a Joel Silveira o título de seguidor do jornalismo literário. A técnica, também amplamente utilizada no *new journalism*, está exemplificada no trecho abaixo, que abre a reportagem-capítulo *A sala dos segredos*, quando ele descreve um ambiente:

Esta é a sala onde todos os mistérios da frente podem ser revelados. As paredes estão cobertas de mapas, há dezenas de bandeirinhas e círculos coloridos em torno de números que encobrem nomes de montes, vales, despenhadeiros, pontes, rios, povoados, casamatas e posições inimigas. O coronel escuta qualquer coisa no telefone de campanha, transmite uma ordem ligeira para o sargento vizinho, e o sargento vai e traça um círculo vermelho em redor de tal número. (SILVEIRA, 2005, p. 55)

As matérias de Joel Silveira enviadas do *front* enquanto ele era correspondente na Segunda Guerra para serem veiculadas no *Diários Associados* apresentam todas as principais características de reportagem enumeradas por Sodré e Ferrari (1986): predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados.

Elas são predominantemente narrativas porque reconstróem as mudanças nas pessoas e nas situações ocorrendo diante dos olhos do leitor, justamente como explica Coimbra:

A estrutura do texto da reportagem narrativa não se apoia num raciocínio expresso. Sua característica fundamental é a de conter os fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas. (COIMBRA, 1993, p. 44)

Na passagem que segue, da reportagem-capítulo *Sozinho no mundo*, o leitor fica com a nítida impressão de que a cena ocorre como uma filmagem cinematográfica, devido ao “movimento” do relato:

Interrompo esta reportagem – também eu tenho de descer. Sou o número 278 na ordem de desembarque; e dentro de mais alguns minutos, com mais de 50 quilos de bagagem às costas, estarei pisando num chão estranho e hostil. (SILVEIRA, 2005, p. 26)

Começa, então, a aventura da reportagem para Joel. E seu relato é cheio de impressões desde o momento em que pisa no cais:

Desço, me ataranto um pouco, procuro um rumo. Tudo me parece um deslumbramento: as casas partidas ao meio, os meninos andrajosos do porto, que me estendem suas mãos magras e súplicas, o emaranhado dos fios telegráficos que se enrolam nos postes como cobras, as mil tabuletas em inglês avisando, ordenando e orientando. Que devo fazer, assim largado com minha bagagem numa cidade que nunca vi, num mundo do qual jamais suspeitei? Uma folha perdida num torvelinho, um pobre e atarantado jovem de repente envolto num turbilhão. Nada aqui me pertence, nada tem a ver comigo. E, no entanto, aqui me jogaram para que eu cumpra uma missão – e terei que cumpri-la, de qualquer maneira. (SILVEIRA, 2005, p.26)

É possível notar a predominância narrativa tanto em cada capítulo em particular quanto na maneira em que elas são organizadas no livro. Isto se deve, em parte, porque foram encaminhadas para serem publicadas diariamente no *Diários Associados*, contando desde o embarque de Joel junto a 6 mil soldados brasileiros até o fim da guerra.

Isso não descarta, de qualquer maneira, a possibilidade de encontrarmos trechos em que a reportagem será um híbrido dos três tipos apontados por Coimbra (1993). A abertura da reportagem-capítulo *Aquilo lá é Bolonha*, por exemplo, é estruturalmente argumentativa:

Este é um dos mais terríveis caminhos de todos os Apeninos – uma estrada estreita e esburacada que sobe, como uma pessoa arquejante, pelas fraldas e escarpas. Muitas vezes o jipe tem que parar, e o pracinha é obrigado a fazer prodígios de vontade para levar seu carro além de uma cratera que a chuva fez crescer ou de um pedaço de caminho entulhado por qualquer desmoronamento. (SILVEIRA, 2005, p. 85)

Recurso típico da reportagem argumentativa, aqui o repórter começa o texto afirmando algo para o leitor, em tom de imposição, para depois mostrar, pelo relato do que acontece com o jipe, a justificativa para chamar de terrível aqueles caminhos.

Quanto à humanização do relato, neste caso, se faz possível pela presença do repórter-testemunha, que se expressa em um texto de impressões e percepções próprias. A objetividade dos fatos narrados – que não deve ser confundida com aquela discutida anteriormente – é a característica responsável pela verossimilhança, ou seja, os fatos devem ser narrados com precisão, de maneira a garantir sua aproximação com a realidade. Vejamos neste trecho da reportagem-capítulo *A morte do sargento*, como ele, sem deixar a

precisão de lado, humaniza o relato da morte de um pracinha – que poderia ser apenas mais uma dentre tantas que ocorriam todos os dias no conflito:

Vi perfeitamente quando a rajada da metralhadora alemã rasgou o peito do sargento Max Wolf Júnior. Instintivamente, ele juntou as mãos sobre o ventre e caiu de bruços. Não se mexeu mais. O tenente Otávio Costa, que estava ao meu lado, no Posto de Observação, apertou os dentes com força, mas não disse uma palavra. Quando lhe perguntei se o homem que havia tombado era o sargento Wolf, ele balançou afirmativamente a cabeça. Menos de uma hora antes eu estivera conversando com o sargento. Creio que foi a mim que ele fez suas últimas confidências. (...) Estão comigo as poucas linhas que sua letra fina e desenhada escreveu no meu caderno de notas: "Aos parentes e amigos: estou bem. À minha querida filhinha: papai vai bem e voltará breve". Não voltaria. (SILVEIRA, 2005, p.143)

As características de que falam Sodré e Ferrari são as mais abrangentes. Observando mais a fundo, veremos que, nas matérias de Joel, elas se desdobram em outras, únicas da reportagem, como o tratamento diferenciado do texto, do uso de fontes, das técnicas de apuração, dentre outras.

As fontes usadas por Joel serão sempre aquelas do meio militar, mas isso se deve ao fato de que ele estava apenas no meio de pracinhas e outros correspondentes de guerra. Ainda assim, dificilmente ele repete os personagens ou as fontes a cada reportagem-capítulo. Tenta mostrar – mesmo quando parece que há nada diverso dos pracinhas – a visão de personagens quase anônimas. Como as enfermeiras do Hospital 16:

A enfermeira Berta, que havia marcado uma "visitinha" a Florença, na manhã seguinte, teve que adiar o passeio para um "dia D qualquer". Uma vida, enfim, como qualquer outra vida da guerra: sem poesia, sem romance, árdua, exigente, desconfortável, incerta. Mas as moças nunca se queixam. (SILVEIRA, 2005, p. 138)

Para ser reportagem, no entanto, não basta um bom texto e uma história interessante. Ao analisarmos as matérias de Joel, encontramos também a clareza do método, base da disciplina da verificação, um dos elementos que Kovach e Rosenstiel (2004) chamam de essenciais. Entre os conceitos básicos da disciplina, eles afirmam que deve estar a transparência sobre seus métodos e motivo e nunca enganar o público. Abaixo, em um trecho de *O coronel Franklin*, Joel explica, por exemplo, por que não existem em seus textos entrevistas com os soldados presos pela FEB.

Uma das coisas mais ou menos incômodas que acontecem com os correspondentes, aqui na frente, é que não os deixam revelar conversas tidas com nazis presos. De vez em quando, com o pretexto de tentar pegar a censura desprevenida, envio aí para o Brasil entrevistas com prisioneiros alemães. Mas o tenente Roberto Boavista, o nosso censor adido ao 5º Exército, é aritmético na devolução das mesmas, que voltam a mim sempre acompanhadas de bilhetinhos alegres onde se explica que "não pode ser". (SILVEIRA, 2005, p. 104)

Uma vez que Joel Silveira foi enviado como correspondente de guerra por Chateaubriand pelo *Diários Associados*, suas reportagens são exemplo puro do método da observação participante. Se este material tem de ser lembrado por uma técnica de apuração, certamente será por essa. Em contato direto com o cenário onde os pracinhas da FEB e os inimigos entravam em conflito, Joel pôde captar detalhes das situações, dos personagens e do local que um jornalista que tentasse fazer a cobertura de dentro de uma redação jamais conseguiria. Mesmo hoje, quando todos os aparatos estão disponíveis a um repórter, direto de sua mesa de trabalho, nada semelhante poderia ter sido feito. Estando no meio do conflito, ele é capaz de descrever os momentos de angústia, saudade e medo sentidos pelos pracinhas brasileiros, seja por descrição de cenas, diálogos e personagens. A precisão é possível, justamente, devido a esse repórter que tudo vê, tudo presencia, o que lhe dá ferramentas para fazer um relato fiel e verossímil. Um repórter que estará infinitamente em vantagem em relação àquele que não está no cenário do conflito. O trecho abaixo mostra que *O inverno da guerra* é um exemplo disso, escrito praticamente como um diário de bordo da cobertura feita por Joel.

O capitão nos leva até os foxholes, um buraco cavado no chão coberto de neve, e lá dentro fica o pracinha brasileiro, a mão segura na sua metralhadora ou no seu fuzil, sentado numa cadeira improvisada e os pés apoiados nos tijolos que foram aquecidos. Eles passam aqui duas horas cada um, num revezamento que atravessa toda a noite. Não é possível aguentar mais, e confesso aqui que, em 20 minutos apenas lá dentro, foram o suficiente para me transformar num homem sem salvação. O frio me enrolou como se eu tivesse caído numa fogueira gelada, e quando salto do buraco meus pés estão inertes como dois pedaços de chumbo. (SILVEIRA, 2005, p. 46)

O método, como já dito anteriormente, suscita a discussão sobre a objetividade-subjetividade no jornalismo, pela presença do repórter no campo dos conflitos participando

daquele cotidiano, quase como uma personagem. Os manuais de redação dos principais jornais pregam, por exemplo, o uso de terceira pessoa (em modo dramático) e o corte de adjetivos, como se isso fosse garantia de que a subjetividade do repórter se apagaria. Joel quebra as duas regras nos textos aqui analisados. A verdade de um fato, compromisso do jornalista, deve também levar em conta a interpretação dos fatos, nos diz Cornu (1999), uma vez que o jornalismo não é uma mera reprodução da realidade. O repórter não tem como deixar de lado seus valores nem mesmo na escolha daquilo que ele considera notável em um extrato da realidade. Joel é, nestes textos, carregado de uma intenção: mostrar a crueldade da guerra. Ele não está falando de algo exterior aos emissores e receptores, não tem obrigação, portanto, do uso do modo dramático (narrador em 3ª pessoa). Ele não se limita a informar, mas a observar, a interpretar e a relatar. Sabe que, como intérprete da realidade, é sujeito ativo e inseparável dessa ação.

O leitor toma conhecimento de que Joel participa do cenário da reportagem como observador justamente pela escolha do repórter pelo tipo de narrador-testemunha, em 1ª pessoa, na classificação de Lígia Leite apresentada por Coimbra (1993). Nas 35 reportagens reunidas em *O inverno da guerra*, Joel Silveira testemunha as ações da FEB e as narra, mas não se distancia dos acontecimentos como um observador longínquo. Não deixa de demonstrar suas percepções, sentimentos e pensamentos.

Os muitos trechos líricos e o uso de metáforas fazem do relato não apenas uma narrativa humanizada, mas também algo muito próximo da literatura. Vale lembrar, no entanto, que o tema do livro é não ficcional. O que, na verdade, só ressalta mais uma grande façanha de Joel Silveira: transformar boas histórias em algo sedutor para o leitor.

Considerações finais

As reportagens de Joel Silveira reunidas em *O inverno da guerra* nos ajudam a refletir sobre o jornalismo que praticamos hoje e aquele que queremos no futuro. Por sua análise, percebemos toda a riqueza de uma metodologia sofisticada, que tem sido preterida por uma metodologia do noticiário, que visa, quase sempre, ao consumo de informação em massa, para um público o mais indeterminado possível.

Percebemos na análise do livro, que Joel não se prende a amarras que o noticiário impõe aos profissionais de imprensa. Tanto pela observação participante e pelo narrador em 1ª pessoa quanto pelo texto lírico e humano. Embora o repórter tenha muitos livros publicados, *O inverno da guerra* foi escolhido para análise pelo mergulho do repórter na

realidade que busca interpretar. A técnica é pouco empregada nos dias de hoje, em parte devido à estrutura econômica dos meios de comunicação, oligopolistas e concentrados na mão de poucos, que buscam a simplificação das rotinas produtivas de informação.

A simplificação dessas rotinas, seja pelo texto, pelo uso de fontes repetidas, pelo repórter que não sai da redação e faz tudo por telefone ou pela internet, em uma tentativa de abordar o maior número possível de fatos da atualidade, está longe de ser o melhor dos recursos na busca por uma retratação da realidade. Na era da informação fácil e rapidamente disponível, as pessoas querem algo mais do jornalismo: querem informação contextualizada, envolta em um texto sedutor, sempre que possível.

Acreditamos que esta pesquisa é um primeiro e pequeno passo para um jornalismo mais reflexivo e crítico, potencialmente criativo pela presença do sujeito-repórter. Se o ponto de partida para o jornalismo não é simplesmente a imediatez do fato, mas a compreensão dele, reportagem é, portanto, por tudo que vimos neste trabalho, o mais perfeito sinônimo de jornalismo.

Referências

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo: Geração editorial, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle.** São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1993.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2001a.

_____. **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: Editora Insular, 2001b.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993

MILMAN, Luis. **A metodologia do jornalismo**: breve excuroso sobre a natureza de um conflito. In: LEVACOV, M. et al (orgs.). *Tendências na comunicação*. Porto Alegre: L&PM, 1998

SILVEIRA, Joel. Encontro com Chatô. In: SILVEIRA, Joel. **A milésima segunda noite da avenida Paulista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.